



Trabalhos Científicos

Título: Óbitos Por Sífilis Congênita Na População Infantil Brasileira Entre Os Anos De 2013 A 2022

Autores: ELOIZE FELINE GUARNIERI (UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL), VITÓRIA DE AZEVEDO (UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL), LUÍSA HAAS COMIN (UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL), JULIANO PEIXOTO BASTOS (UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL)

Resumo: Sífilis congênita é uma infecção causada pelo *Treponema pallidum* e transmitida ao feto pela placenta. Quando detectada na mãe durante a gestação, é de extrema importância tratar corretamente a mulher e seu parceiro sexual, para evitar a transmissão e complicações ao recém nascido. O estudo tem como objetivo avaliar o perfil epidemiológico dos óbitos por sífilis congênita na população infantil no Brasil entre os anos de 2013 a 2022. Realizado um estudo transversal descritivo. Os dados foram obtidos do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde disponíveis no banco do Departamento de Informática do Ministério da Saúde e da população do censo brasileiro de 2022. Para a análise foi criado um banco de dados específico em planilha eletrônica com a população e o número de óbitos por sífilis congênita na população infantil nas regiões do Brasil, de acordo com a faixa etária e cor da pele, do período de janeiro/2013 a dezembro/2022. Entre os anos de 2013 a 2022, um total de 266 óbitos foram registrados devido a sífilis congênita na população infantil no Brasil. Esses óbitos foram distribuídos em diferentes regiões do país, com 37,2% ocorrendo na região Nordeste, 32,3% na região Sudeste, 21,1% na região Norte, 6,4% na região Sul e 3,0% no Centro-Oeste. A prevalência na região Nordeste pode estar relacionada com fatores socioeconômicos, como também ao menor acesso a cuidados de saúde adequados. Quanto à faixa etária, observou-se que 256 óbitos ocorreram em crianças menores de 1 ano, 6 em crianças com idade entre 1 a 4 anos, 0 óbitos entre os 5 a 9 anos, 4 óbitos entre os 10 a 14 anos, e 0 óbitos em adolescentes entre os 15 a 19 anos. O predomínio de óbitos por sífilis congênita entre crianças menores de 1 ano está relacionada, principalmente, às complicações que a infecção pode provocar no bebê¹⁻³. Em relação à cor/raça, verificou-se que 44% eram da cor parda, 42,5% não possuíam informações disponíveis sobre esse dado específico, 10,9% eram da cor branca, 2,3% eram da cor preta, 0,4% da cor amarela, não havendo nenhuma vítima indígena. Essas discrepâncias podem estar associadas a fatores socioeconômicos, acesso a serviços de saúde, como também falta de registros no sistema sobre determinados dados. Apesar de elevados, os resultados são ainda mais preocupantes quando considera-se que no Brasil a notificação atinge somente 17,4% dos casos de sífilis congênita⁴. Sem notificar os casos não há diagnóstico e nem tratamento precoce, corroborando no aumento da mortalidade. Para reduzir a prevalência de sífilis congênita, é essencial que os profissionais de saúde e a comunidade se sensibilizem sobre a importância do diagnóstico precoce e do tratamento eficaz da mulher e de seu parceiro. À equipe multiprofissional cabe a realização de busca ativa das gestantes faltosas nas consultas de pré-natal, ações para a conscientização da população quanto aos riscos da prática sexual insegura e da importância do autocuidado, principalmente aos mais vulneráveis.